

**BLACK IS KING E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS NARRATIVAS SOBRE
PESSOAS NEGRAS EM DIÁSPORA¹***BLACK IS KING AND THE CONSTRUCTION OF NEW NARRATIVES ABOUT BLACK
PEOPLE IN DIASPORA**BLACK IS KING Y LA CONSTRUCCIÓN DE NUEVOS RELATOS SOBRE LOS
NEGROS EN LA DIASPORA*

*Original recebido em: 30 de setembro de 2025
Aceito para publicação em: 2 de junho de 2026
Publicado em: 2 de julho de 2026*

Sandra Rita de Cássia Roza
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, MG, Brasil

Karina Gomes Barbosa
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, MG, Brasil

A lista completa com informações das autoras está no final do artigo

RESUMO

Neste artigo, buscamos compreender como o filme *Black is King* (2020), da cantora Beyoncé, constrói novas narrativas sobre pessoas negras em diáspora. Para isso, escolhemos como método a análise fílmica, a partir da abordagem metodológica dos Estudos Culturais, especificamente o protocolo de codificação e decodificação, desenvolvido por Hall, sob uma lente interseccional elaborada por Roza (2022). Como resultados, percebemos que a cantora constrói e realiza uma narrativa de empoderamento negro por meio da obra analisada.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Diáspora Africana; Pessoas Negras; Mulheres Negras; Cultura Pop.

ABSTRACT

In this article, we seek to understand how Beyoncé's film *Black is King* (2020) constructs new narratives about black people in the diaspora. To do this, we chose film analysis as our method, based on the methodological approach of Cultural Studies, specifically the coding

¹ O presente estudo apresenta parte de resultados da dissertação de Mestrado em Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP), sob a orientação da Dra. Karina Gomes Barbosa: ROZA, S. R. C. **Beyoncé sob uma lente interseccional: uma análise das representações de mulheres negras em *Lemonade*, *Homecoming* e *Black is King***. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/15165>. Acesso em: 4 abr. 2026

and decoding protocol developed by Hall, under an intersectional lens developed by Roza (2022). The results show that the singer constructs and performs a narrative of black empowerment through the work analyzed.

Keywords: Intersectionality; African Diaspora; Black people; Black women; Pop Culture.

RESUMEN

En este artículo, tratamos de comprender cómo la película *Black is King* (2020), de la cantante Beyoncé, construye nuevas narrativas sobre las personas negras en la diáspora. Para ello, hemos elegido como método el análisis filmico, partiendo del enfoque metodológico de los Estudios Culturales, concretamente del protocolo de codificación y descodificación desarrollado por Hall, bajo una lente interseccional elaborada por Roza (2022). Como resultado, observamos que la cantante construye y lleva a cabo una narrativa de empoderamiento negro a través de la obra analizada.

Palavras-chave: Interseccionalidad; Diáspora africana; Personas negras; Mujeres negras; Cultura pop.

1. INTRODUÇÃO

Estar aqui. Não ser daqui e nem de lá, mas do meio. Dos dois territórios. Esse primeiro momento identificamos como um dos principais quando falamos de Diáspora Negra Africana, principalmente no Brasil. Afinal, memórias, histórias, raízes e afetos foram arrancados de muitas pessoas negras africanas durante os séculos de tráfico e escravização. A travessia forçada pelo mar trouxe impactos para a saúde mental delas, causou mortes, abusos, traumas e violências.

Aquelas que sobreviveram foram, aos poucos, criando as suas estratégias de sobrevivência, entre as quais de comunicação, para se unirem, defenderem suas liberdades, fugirem e voltarem para casa. Entre dores físicas e emocionais, falar de casa, deixar os conhecimentos nos trabalhos realizados e compartilhar com as crianças que já nasciam aqui, trouxe esperança.

Embora em tempos e lugares diferentes, contudo, conectados, de certa forma pelo contexto sócio-histórico, Mariana-MG, território em que esse estudo foi realizado, nos apresenta, em sua história, cultura, monumentos e detalhes, a inteligência das pessoas negras escravizadas que aqui trabalharam, viveram e morreram. Seja na arquitetura, engenharia, nos conhecimentos, cultura, culinária, esportes, religiosidade, economia, entre outros. Porém, ao mesmo tempo, é nítido o apagamento, a cada dia mais, das contribuições delas e das pessoas

indígenas para o nascimento da cidade, a primeira capital de Minas Gerais, a “Primaz de Minas”.

Em meio a saberes compartilhados e silenciados, a história europeia sobre a construção da cidade ganha destaque nos passeios turísticos, cotidiano e estrutura do município. Até mesmo na iconografia: a bandeira municipal traz dois homens brancos, um bandeirante e um garimpeiro, cada um empunhando as armas com que subjugaram populações negras e originárias, um bacamarte e pá e picareta, respectivamente. Sobre as pessoas escravizadas, pouco ou nada é falado, a não ser que eram escravos e trabalharam nas minas de ouro.

Em um país gigantesco como o Brasil, na maioria das vezes, narrativas sobre as populações negra e indígena são ensinadas social e midiaticamente apenas com tom folclórico, em datas comemorativas. Por meio de contextos de dor, sofrimento e desempoderamento. Entretanto, quando produções nacionais, com outras abordagens sobre as duas populações, são desenvolvidas, mais pessoas começam a questionar o que sabem sobre o continente africano e a história brasileira. Esse questionamento também pode ser instigado por obras internacionais que levam a refletir sobre o passado da escravidão em diversos locais e o que ainda não foi contado, despertando a curiosidade em grande parte das pessoas a respeito do histórico de seus bairros, cidades ou outros países, por exemplo.

Um acontecimento de repercussões globais sobre o continente africano foi o lançamento de *Black is King* (2020), um filme da cantora Beyoncé, produzido para a Disney⁺², serviço de *streaming* plataformizado do conglomerado midiático Disney. Por meio de uma narrativa com sequências de 14 videocliques, a obra conta a história de *O Rei Leão* (2019)³, por meio de um menino negro, Simba. Ele trilhará uma trajetória de descobertas e autoconhecimento, para se lembrar de quem ele é e se tornar rei (Roza, 2022).

Esse fato nos chamou a atenção e despertou em nós o interesse em pesquisar *Black is King*, especialmente para entender como o filme constrói novas narrativas sobre pessoas negras em diáspora. Para isso, escolhemos analisar três videocliques: *Bigger*, *Find Your Way*

² Fundada em 1823, pelos irmãos Walt Disney e Roy Disney, nos EUA, *The Walt Disney Company* é uma das maiores empresas multinacionais de mídia e entretenimento do mundo. Focada em experiências mágicas, por meio do audiovisual, a Disney, como é mais conhecida, engloba também o *Walt Disney Studios* para a produção própria de produtos audiovisuais (filmes, séries, animações, conteúdos para a Disney+, plataforma própria de streaming, entre outros); Resorts, cruzeiros e parques temáticos, como Disneylândia e *The Walt Disney World*, que são dois lugares com alto fluxo de turismo global; além de uma ampla linha de produtos de consumo, principalmente inspirados de personagens animados.

³ No longa-metragem, também da Disney+, Beyoncé fez a dublagem da leoa Nala e o álbum de trilha sonora, chamado *The Gift*.

Back e Power (e a sequência antes dele). Sendo os dois primeiros os que iniciam o longa-metragem e o terceiro, o penúltimo do filme.

Já para a metodologia, escolhemos como método a análise fílmica, a partir da abordagem metodológica dos Estudos Culturais, especificamente o protocolo de codificação e decodificação, desenvolvido por Hall, sob uma lente interseccional elaborada por Roza (2022). A motivação para essa escolha partiu da compreensão da importância dos Estudos Culturais para analisar um produto audiovisual e cultural, tendo em vista os discursos implícitos e explícitos que estão na sua produção, recepção e consumo (Hall, 2003). Nesse meio, a Lente Interseccional se torna essencial, principalmente por ter sido desenvolvida para investigar Beyoncé e o que há além do seu trabalho, ou seja, as entrelinhas (Roza, 2022).

2. METODOLOGIA

Com o objetivo de buscarmos compreender como o filme *Black is King* (2020) constrói novas narrativas sobre pessoas negras em diáspora, escolhemos como método a análise fílmica, a partir da abordagem metodológica dos Estudos Culturais, especificamente o protocolo de codificação e decodificação, desenvolvido por Stuart Hall, sob uma Lente Interseccional, elaborada por Roza (2022).

A escolha pelo método se deu pela possibilidade de observação e análise dos detalhes contidos na linguagem fílmica, uma vez que, de acordo com, Neli Mombelli e Cássio Tomaim, o

filme deve ser desconstruído, o que equivale à descrição dos planos, das sequências, dos enquadramentos, das cenas, dos ângulos, dos sons, da composição de quadro, para depois ser reconstituído por meio da compreensão dos elementos decompostos – isto é, a interpretação. (Mombelli; Tomaim, 2014, p. 3)

Já o protocolo de codificação e decodificação desenvolvido por Hall foi escolhido principalmente devido ao autor abordar que “os processos de produção e recepção de uma mensagem não são neutros e trazem discursos” (Hall, 2003, p. 387). Além disso, Hall (2003, p. 388) destaca que os processos de codificação e decodificação são determinados: “embora apenas ‘relativamente autônomo’ em relação ao processo comunicativo como um todo, são momentos determinados”.

Para esse trabalho, aplicamos a Lente Interseccional, desenvolvida por Roza (2022), a partir da Roleta Interseccional de Carrera (2020). De acordo com Roza (2022), a Roleta ajuda a entender mais a Interseccionalidade como método para pesquisas em comunicação e, na nossa pesquisa, nos ajudou a traçar caminhos metodológicos para analisar *Black is King*.

Roza (2022, p. 255) ainda explica que a elaboração da Lente foi uma forma de mostrar “como vemos Beyoncé e seus trabalhos”. Para simbolizar essa ação, a autora usa o exemplo de uma lente fotográfica: “ao olharmos para Beyoncé, através da lente, somos também atravessadas por marcadores sociais que nos afetam e nos fazem “fotografar” a cantora de forma única” (Roza, 2022, p. 225).

Com o objetivo de unir método e metodologia, a Lente traz o lugar das pesquisadoras, sua forma de olhar para Beyoncé, seus marcadores sociais, enquanto mulher negra, jovem, latino-americana, feminista negra, afrodiaspórica e antirracista; e enquanto mulher socialmente lida como branca, feminista, mãe, cisheteroconstituída. Simbolizada por uma lente de uma câmera fotográfica, a Lente Interseccional também mostra como as pesquisadoras afetam e são afetadas pela cultura e analisam Beyoncé tendo como base também em seu território, vivências e experiências (Roza, 2022).

Para analisar *Black is King*, primeiramente, realizamos um levantamento bibliográfico, de artigos e referências relacionadas à temática do filme, como raça, Interseccionalidade, diáspora, entre outros conceitos. Em paralelo, assistimos ao filme, mais de uma vez, produzindo um diário de campo com anotações de códigos e silêncios na narrativa.

Após esse processo, deixamos as anotações descansarem para retomá-las selecionando trechos e vídeos. Eles indicaram três eixos analíticos: 1. Você é parte de algo maior. Busque a sua ancestralidade e espiritualidade; 2. Você é linda. Negro é Rei; e 3. Mulheres negras são poderosas. Recupere o seu poder. Empodere-se. Para esse estudo, iremos discutir o primeiro e o terceiro eixos.

3. DIÁSPORA NEGRA AFRICANA

Em *Bigger*, o primeiro videoclipe de *Black is King*, Beyoncé inicia cantando em uma praia: “Se você se sente insignificante, é melhor pensar novamente, melhor acordar, porque você é parte de algo maior. Maior que você, maior que eu, maior que as imagens que eles enquadraram para vermos”⁴. A praia era o local onde as pessoas negras africanas eram colocadas, muitas vezes, à força, nos navios dos colonizadores. Um marco da retirada das raízes. Um marco da partida. Um marco da chegada a outro local. Um marco da diáspora.

Para compreendermos mais o significado da diáspora, destacamos, primeiramente, que o tema possui significados e debates distintos entre muitas pessoas negras africanas e pessoas negras não-africanas, principalmente devido às primeiras não considerarem as segundas como

⁴ Todas as traduções das letras de Beyoncé são das autoras.

do mesmo território, por exemplo. Essa foi uma das fortes críticas a *Black is King* por parte de muitas pessoas negras africanas, que foram contra a história africana ter sido contada por uma mulher negra estadunidense⁵.

Stuart Hall (2003, p. 26) explica, por meio do exemplo dos assentamentos dos negros caribenhos na Grã-Bretanha, que as pessoas continuam tendo um elo com o território de origem e o novo, em que os dois são fontes de criação de novas memórias afetivas: “Tal qual ocorre comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada – como rede e local da memória – constitui o canal crucial entre os dois lugares”. Para Hall (2003, p. 27), esse processo é ambíguo, uma vez que na “situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas”.

Segundo o autor, a sensação de não estar em casa é o que chamamos de deslocamento, na modernidade. Ele nem sempre acontece pela nossa vontade, mas, muitas vezes, por fatores sócio-históricos:

A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (Hall, 2003, p. 28)

Aprofundando um pouco mais, John Pepper contextualiza que a palavra diáspora:

[...] vem-nos dos antigos gregos, para os quais ‘diáspora’ (dispersão, ou semear) estava associado a ideias de migração e colonização na Ásia Menor e no Mediterrâneo na Antiguidade, de 800 a 600 a.C. Na tradução grega alexandrina do Septuaginto (Deuteronômio 28:25) a palavra designava a dispersão dos judeus exilados da Palestina depois da conquista babilônica e da destruição do Templo no ano de 586 A.C. como uma maldição: ‘Serás disperso por todos os reinos da terra’. (Peffer, 2003, p. 1)

De acordo com Peffer (2003, p. 2), o uso da palavra diáspora se tornou mais popular na modernidade, sendo usado como autodescritivo pelas comunidades de “armênios, de sul-asiáticos, de palestinos, de irlandeses, e de outros. Mais notável é o caso das comunidades africanas no Novo Mundo posteriores à era do tráfico escravagista atlântico”. Hall (2003, p. 28) destaca que o termo “diáspora” se tornou ainda mais conhecido devido ao Holocausto: “na história moderna do povo judeu (de onde o termo ‘diáspora’ se derivou)”.

Peffer (2003, p. 2) aborda também que uma das características partilhadas, em muitas comunidades em diáspora, é uma “história comum de expulsão violenta de uma terra-mãe,

⁵ NSOFR, I.; NGUMBI, E. **Opinion:** We Are Africans. Here's Our View Of Beyoncé's 'Black Is King'. NPR. 7 ago. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/goatsandsoda/2020/08/07/899421948/opinion-we-are-africans-heres-our-view-of-beyonc-s-black-is-king#:~:text=Many%20Africans%20%E2%80%93%20including%20ourselves%20%E2%80%94%20loved,rhythmic%20street%20dance%20from%20Nigeria>. Acesso em: 05 abr. 2026

uma projecção histórica de pureza e de intemporalidade sobre a terra-mãe, sonhos de reatar com a terra-mãe e de lá regressar [...]”. Nesse ponto, Hall ainda mostra que há um mito ou metáfora que contribui para a criação da identidade cultural. No caso dos caribenhos, é a versão da história do Velho Testamento:

Lá encontramos o análogo, crucial para a nossa história, do ‘povo escolhido’, violentamente levado à escravidão no ‘Egito’; de seu ‘sofrimento’ nas mãos da ‘Babilônia’; da liderança de Moisés, seguida pelo Grande Êxodo — ‘o movimento do Povo de Jah’ que os livrou do cativeiro, e do retorno à Terra Prometida. Esta é a *ur-origem* daquela grande narrativa de libertação esperança e redenção do Novo Mundo, repetida continuamente ao longo da escravidão – o Êxodo e o *Freedom Ride*. Ela tem fornecido sua metáfora dominante a todos os discursos libertadores negros do Novo Mundo. (Hall, 2003, p. 28, grifos originais)

Beyoncé retoma essas referências em *Black is King*, aludindo ao profeta Moisés, ao Egito, à libertação do povo e à Terra Prometida. A primeira cena do filme (Figura 1) é de um cesto marrom descendo o rio Nilo, tal como o profeta bíblico. Moisés é representado pelo filho da cantora, Sir Carter, que simboliza o nascimento de uma liderança negra que libertará o povo negro, em diáspora, do cativeiro do desconhecimento da própria história/território de origem, levando-o para a Terra Prometida, que pode ser a África ou a própria diáspora, ou melhor, as diásporas (Roza, 2022). Esse assunto também será abordado mais à frente.



Figura 1 – Cesto no Rio Nilo. Fonte: autoras por meio da obra *Black Is King* (2020).

Além disso, a imagem acima possui também uma potencialidade de ligação com a água. Se a partida/travessia, durante a escravização, foi pelo mar, trazendo desesperança; a

travessia, de um bebê, pelo rio corrente pode trazer esperança. Outro ponto de destaque são as cenas que antecedem a Figura 1, de Beyoncé com um véu, em uma cabana simples, depois fugindo com o filho nos braços, para o deserto, durante uma tempestade de areia e colocando o filho dentro do cesto (Figura 2).

Um momento que relembra Maria e Jesus, distante da iconografia ocidental que embranqueceu pessoas oriundas da região levantina. Um rei que nasceu num estábulo e dormiu numa manjedoura. Já Sir Carter surge como um rei que viveu numa cabana e foi colocado num cesto simples, onde havia um pouco de palhas no chão. Uma criança que chora ao ser separada da mãe (o seu laço sagrado de vida), na despedida, porém chorará, novamente, na chegada, quando se reencontrarem. De fato, um elo narrativo e simbólico que remete à diáspora.



Figura 2 – Mãe e filho. Fonte: Autoras por meio da obra *Black Is King* (2020).

Por fim, evidenciamos também a importância de entender que os territórios diaspóricos carregam também dores, como aponta Hall (2023, p. 30): “Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas

rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas”. Dessa forma, mergulhar nas diásporas não é apenas um mergulho para um renascimento, mas também um mergulho para reaprender o que se aprendeu até hoje, o que pode ser empoderador para algumas pessoas e adoecedor para outras.

4. MULHERES NEGRAS USAM A INTELIGÊNCIA E A CRIATIVIDADE PARA CONSTRUÍREM NOVAS NARRATIVAS

Ao apresentarmos o videoclipe *Bigger*, é importante ressaltar o trecho em que Beyoncé canta: “[...] as imagens que eles enquadraram para vermos”. Os enquadramentos fazem parte dos processos de comunicação e estão imersos nas relações de poder: ou seja, enquadrar é uma operação de poder. Principalmente quando falamos em história da mídia, são nítidos os enquadramentos que a mídia fornece para diferentes temas sociais. No caso das pessoas negras escravizadas, quando há enquadramentos sobre elas, quando elas são colocadas no quadro, ainda são comuns narrativas com foco na dor, sofrimento, escravização, açoites, desumanização.

Winnie Bueno (2019, p. 112) explica, ao falar sobre a massividade das imagens de controle na mídia, que a razão para que elas ainda persistam é que é confortável para a “comunidade branca que existam justificativas que lhes retirem a responsabilidade de responder pelo contínuo da violência que a exploração econômica dos povos negros significou na construção do *status quo* da branquitude”.

Um dos exemplos que Bueno (2019) traz é sobre a imagem de controle da *Mammy*, representada, na maioria das vezes, por uma mulher negra gorda que trabalha como empregada, faxineira, arrumadeira, entre outros cargos de serviços de cuidados com casa e limpeza. A imagem é uma herança da escravização e vem também como um reforço da posição sócio-estrutural de várias mulheres negras, durante esse período, que eram os trabalhos na casa grande e os cuidados com as crianças dos colonizadores, como as amas de leite e babás, por exemplo.

Para Bueno (2019, p. 86), a fixação das mulheres negras em trabalhos domésticos ou “postos de emprego cujas características das tarefas são adstritas à figura da *Mammy* tem uma função de mitigar a exploração econômica profunda da qual as mulheres negras são alvo”. No

contexto atual, é importante destacar esse reflexo nos dados⁶ do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de 2025, que apontam que 69,9% das empregadas domésticas, no Brasil, são mulheres negras.

Patricia Hills Collins, intelectual negra responsável pelo termo “Imagens de Controle”, aborda como imagens de mulheres negras são criadas e reproduzidas por instituições de poder:

Escolas, a mídia impressa e os meios de comunicação, agências governamentais e outras instituições do ramo da informação reproduzem imagens controladoras da condição de mulher Negra. Em resposta, as mulheres Negras se utilizam tradicionalmente das redes familiares e das instituições da comunidade Negra como espaços para se opor a tais imagens. (Hill Collins, 2017, p. 7)

Sobre a resignificação que as mulheres negras fazem, Bueno (2019, p. 87) define esse movimento como “estratégia de sobrevivência inteligente e criativa”, que é transmitir para filhos e filhas “não o comportamento de servidão, gratidão e subserviência, mas o estímulo a romper com esse ciclo, negando o trabalho doméstico e buscando outras possibilidades de ser e estar na sociedade”.

Outras formas de ser e estar na sociedade também nos relembram o título desse artigo. Um dos pontos que destacamos é sobre esse movimento ser feito por uma mulher negra, Beyoncé, que possui grande visibilidade e alcance global. Porém, ao mesmo tempo que ela traz novas narrativas sobre pessoas negras na diáspora, principalmente meninas e mulheres negras, há inúmeros debates e críticas sociais e midiáticos, como forma de desmobilizar o movimento de representações sobre autoestima, empoderamento, beleza, conhecimentos e inteligência negra.

Por exemplo, na época de lançamento de *Black is King*, a renomada pesquisadora, historiadora e antropóloga brasileira Lilia Schwarcz escreveu o artigo: “Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha”⁷ para a *Folha de São Paulo*, um dos principais jornais brasileiros, com alcance nacional e internacional. Schwarcz abordou, de forma superficial, a obra apresentando como a cantora deve realizar a luta antirracista: “Diva

⁶ SERPA, V. **Mulheres negras são quase 70% no serviço doméstico ou de cuidados no Brasil**. Alma Preta Jornalismo. 20 mar. 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mulheres-negras-sao-quase-70-no-servico-domestico-ou-de-cuidados-no-brasil/>. Acesso em: 8 abr. 2026

⁷ SCHWARCZ, L. M. **Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha**. Folha de São Paulo, 2 ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-ao-glamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml>. Acesso em: 05 abr. 2026

pop precisa entender que a luta antirracista não se faz só com pompa, artifício hollywoodiano, brilho e cristal”.

Rapidamente, o artigo e a autora receberam inúmeras críticas, principalmente de pessoas negras. Um dos principais debates sobre Schwarcz foi sobre o lugar de fala dela, enquanto uma mulher branca e também pesquisadora sobre a escravidão brasileira, ao criticar Beyoncé, uma mulher negra, e o seu trabalho que trouxe novas representações da negritude na mídia.

De acordo com Dalila Belmiro e Pablo Viana, a historiadora poderia analisar o filme abordando também a branquitude e sua influência nas representações midiáticas e imaginário social e midiático:

A antropóloga reconhece que *Black is King* é uma obra sobre negritude e exalta este fato, mas critica o filme pela abordagem idílica. Em nenhum momento Lilia analisa a branquitude como identidade. Ela não menciona as inúmeras narrativas idílicas construídas por pessoas brancas, inclusive aquelas sobre colonização, demonstrando como a racialização é pensada somente para pessoas negras. (Belmiro; Viana, 2020, p.49)

Se essas novas narrativas sobre pessoas negras incomodam grande parte da sociedade, incomodam ainda mais quando elas são criações de mulheres negras. Nesse ponto, consideramos relevante adicionar e apresentar a Teoria da Interseccionalidade. Registrada academicamente pela jurista e feminista negra Kimberlé Crenshaw, em 1989, a Interseccionalidade apresenta como pessoas de grupos minorizados vivenciam experiências diferentes devido aos seus marcadores sociais, como raça, gênero, classe, sexualidade, deficiências, território, entre outros (Roza, 2022).

Beyoncé, enquanto mulher negra, vive uma experiência diferente de uma mulher branca, homem branco ou negro. Se eles fizessem também um filme como *Black is King*, as críticas e pressões sociais também seriam diferentes. Evidenciamos, assim, apenas as opressões de gênero e raça juntas. Elas são responsáveis pelo aumento e permanência das desigualdades sociais para as mulheres, no geral, e de forma ainda maior para as mulheres negras, como o dado do Ipea demonstra.

5. VOCÊ É PARTE DE ALGO MAIOR. BUSQUE A SUA ANCESTRALIDADE E ESPIRITUALIDADE

No clipe *Bigger*, após a sequência de Beyoncé em uma praia carregando o filho, Sir Carter, veem as cenas a seguir.

Na primeira delas, a cantora narra:

Abençoe o corpo, nascido celestial, lindo em matéria negra. Preto é a cor da pele do meu verdadeiro amor. Cachos e cabelos capturando centenas de orações, espalhadas pela fumaça. Você é bem-vindo em seu retorno a ti mesmo. Deixe preto ser sinônimo de glória (Beyoncé, *Bigger*, EUA: Disney+: 2020. 1 min).



Figura 3 – Cenas iniciais de *Bigger*. Mãe e filho na praia. Fonte: autoras por meio da obra *Black Is King* (2020).

Após caminhar pela praia carregando o filho, Beyoncé se ajoelha em frente a dois homens. Eles defumam a mulher e a criança com incensos, que estão dentro de um turíbulo, objeto usado em celebrações católicas com o objetivo de levar as orações ao céu, mas os rituais de defumações com ervas também estão muito presentes em religiões de matriz africanas.

É importante observar que a narração da cantora funciona como um convite ao que está por vir, no longa-metragem, mas também convida as pessoas, principalmente negras na diáspora africana, a se reconectarem com a beleza que há nelas, para buscarem o retorno às

suas ancestralidades de realezas. Abençoar o “corpo nascido celestial, lindo em matéria negra” pode representar um ato de respeito e memória a muitos corpos que atravessaram o Atlântico como mercadorias e também os corpos que nascem e não podem ser vistos/tratados mais assim, pois são celestiais (obras de Deus) e são lindos. Soma-se a isso o reforço da beleza da pele preta e dos cabelos cacheados.

Já a frase “Você é bem-vindo em seu retorno a ti mesmo. Deixe preto ser sinônimo de glória” sintetiza bem esse discurso, o empoderamento e o renascimento de pessoas negras para a autoestima, para recuperar traços físicos, que muitas vezes, apagaram ou foram obrigadas a apagar, seja por pressão pessoal, estética, midiática, sociais, profissionais, entre outras. Além disso, esse trecho é uma conexão com o segundo videoclipe do filme: *Find Your Way Back*. Em tradução para o português, *Find Your Way Back* significa “Encontre o Seu Caminho de Volta”. Um retorno ao local de partida e de reencontro com as memórias deixadas ali, na praia. Dessa forma, percebe-se que Beyoncé ressignifica esse território de encontros e desencontros, apresentando uma nova narrativa sobre a escravização, principalmente na mídia.

Outro ponto que destacamos é sobre a potência da vida, o nascimento, uma nova era, um novo reinado, representados pelo filho Sir Carter, o que retoma o trecho de *Bigger*, quando Beyoncé canta: “Maior que você, maior que eu, maior que as imagens que eles enquadraram para vermos”. Nesse ponto, observamos também que a cantora faz uma crítica ao enquadramento explodindo-o, enquadrando novas imagens, como se fizesse uma reprogramação – agora, com um discurso empoderador.

É interessante observar que esse momento, marcado com a presença do Sir Carter, ainda bebê e nos braços da mãe, é conectado com a primeira cena de *Bigger* (Figura 1): um cesto marrom descendo o Rio Nilo, uma referência à história do Profeta Moisés. De acordo com Dilva Frazão (2020), no século XIII a. C, o Faraó Ramsés II ordenou a morte de todos os meninos hebreus recém-nascidos, no Egito. Joquebede, mãe de Moisés, conseguiu esconder o filho em casa por três meses. Depois disso, ela o colocou num cesto, no Rio Nilo. Miriã, irmã dele, acompanhou o cesto descer o Rio, de longe, até a filha de Ramsés II, a princesa Hatshepsutt, encontrar o menino. Ela o adotou e cuidou dele, no palácio (Roza, 2022).

Entretanto, a vida de Moisés mudou quando ele, já adulto, matou um egípcio que estava batendo em um hebreu. Ramsés, furioso, ordenou a perseguição e morte de Moisés. Com a promessa de conduzir o povo hebreu à Terra Prometida, Moisés foi guiado por Deus e libertou o povo hebreu do Egito, principalmente atravessando o Mar Vermelho, que com o

poder de Deus se abriu para os hebreus passarem e se fechou, matando por afogamento vários egípcios, que os perseguiram.

Muito popular em religiões cristãs, judaica e islamista, o Profeta Moisés é considerado um grande líder da libertação. No caso de *Bigger*, Sir Carter representa também a esperança por liberdade, seja a dos enquadramentos, seja a das opressões raciais vividas por diferentes pessoas negras ao redor do mundo. No contexto do lançamento do filme, repressões policiais (2019) e popularização da morte de George Floyd⁸ (estadunidense negro morto asfixiado por um policial branco, após este ter se ajoelhado no pescoço de Floyd por 9” 29”) (2020), ambos com repercussões nos EUA e a última durante a pandemia da Covid-19, levaram parte do mundo a refletir, protestar e manifestar com o Movimento *Black Lives Matter* (em português, Vidas Negras Importam).

Sir Carter, uma criança nos braços da mãe, representa também a possibilidade de novas histórias que podem ser escritas, narradas e contadas para as próximas gerações. Como Beyoncé canta em *Bigger*: “A vida é seu direito de nascimento, eles esconderam isso nas letras miúdas. Uh, pegue a caneta e reescreva [...] Levante-se (levante-se), o espírito está ensinando”.

Além disso, o nascimento de um novo líder também representa alguém que poderá libertar as pessoas e conduzi-las à Terra Prometida, assim como Moisés. Ou o Messias, aquele mais que aguardado para libertar o povo de toda opressão, Jesus Cristo. Nesse ponto, ao cantar “o espírito está ensinando” Beyoncé evoca a espiritualidade, também como uma fonte de aprendizados e curas para essa jornada.

6. MULHERES NEGRAS SÃO PODEROSAS. RECUPERE O SEU PODER. EMPODERE-SE.

Na sociedade e na mídia, há inúmeros mitos e narrativas estereotipadas sobre mulheres negras. Uma delas é que elas são fortes, podem aguentar qualquer peso físico e emocional, assim como as dores. Isso, além de desumanizá-las, contribui para que muitas delas cresçam aprendendo a silenciar e a negligenciar as próprias dores, evitando também pedir ajuda, por acreditarem que são (ou devem ser) fortes acima do limite.

⁸ **Caso George Floyd:** morte de homem negro filmado com policial branco com joelho em seu pescoço causa indignação nos EUA. BBC Brasil. 27 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52818817>. Acesso em: 05 abr. 2026

Outro estereótipo é sobre a descrença na inteligência das mulheres negras, o que impacta muitas delas desde a infância. Dúvidas e comentários pejorativos a respeito de suas capacidades intelectuais e acadêmicas costumam acompanhar a maioria delas, a todo momento, em qualquer local e posição social e profissional.

Dessa forma, durante as nossas análises de *Black is King*, observamos como Beyoncé constrói uma nova narrativa sobre a intelectualidade de mulheres negras. O penúltimo videoclipe, *Power* (em tradução para o português: “Poder”), traduz bem esse movimento, ao abordar o poder ancestral de articulação, união, inteligência, criatividade e estratégias coletivas de comunicação.

Antes de o videoclipe se iniciar, há um trecho em que aparecem duas Mulheres Himba (etnia africana nômade que vive no Norte da Namíbia, país africano) uma trançando o cabelo da outra. Enquanto é apresentada a cena, o narrador diz:

As pessoas não se lembram de quem são, do que são do que tomaram delas, por que querem nos fazer esquecer? Há algo sobre a realeza. Há algo em andar com a sua cabeça erguida e não desrespeitar a sua coroa curvando o pescoço (Beyoncé, *Power*, EUA: Disney+: 2020. 2 min).



Figura 4 – Sequência antes de *Power* com as mulheres Himba. Fonte: Autoras por meio da obra *Black is King* (2020).

Representado pela criatividade e pelo ato de trançar os cabelos, esse também é um momento de conexão e convite para as pessoas negras, em diáspora, se reencontrarem em suas realezas e não abaixarem as suas cabeças, principalmente as mulheres negras. Aqui, o

cabelo carrega e transborda na tela todo o seu simbolismo de proteção da cabeça, a fonte do conhecimento. Cuidar dele é cuidar da mente e protegê-la, para não esquecer de quem se é.

É relevante destacar também a presença da Cultura Iorubá em *Black is King*, principalmente, em relação à cabeça (Roza, 2022). De acordo com Márcio de Jagun, para os

iorubás, a cabeça (*Orí*) é uma divindade assim como as outras reverenciadas nas religiões de matriz africana: *Ògún, Omolu, Oya, Òsun* etc. *Orí* é uma divindade individualizada, devendo ser alimentada, cuidada e agradada, a fim de que seu portador possa ter um bom futuro, calma, paz, etc. (Jagun, 2018, p. 26, grifos originais)

Outro ponto que Jagun (2018, p. 77, grifos originais) aborda é a importância de proteger a cabeça (*Orí*): “Na cultura iorubá, não devemos permitir que qualquer pessoa toque em nosso *Orí*. O indivíduo precisa escolher bem quem pode manusear seu *Orí*”. Uma vez que, observa-se “a possibilidade de alguém prejudicar ou beneficiar o *Orí* daquela pessoa com o simples manuseio”. Na sequência de imagens acima, das mulheres Himba, nota-se o apoio familiar e comunitário para cuidar do *Orí*, dos penteados, que são compartilhados de geração em geração.

É interessante analisar como o argumento de proteção da cabeça e dos cabelos continua em *Power*, desde o refrão marcante às frases sobre a potência do cabelo crespo:

Eles nunca tomarão meu poder, meu poder, meu poder. Eles se acham melhores, oh wow” e “Este ritmo, este relâmpago. Isto que queima, não é permanente. Este é o cabelo crespo, esta é aquela erva (Beyoncé, *Power*, EUA: *Disney+*: 2020. 4 min 23 s).

Ao cantar “Isto que queima, não é permanente. Este é o cabelo crespo [...]”, Beyoncé realiza, ao mesmo tempo, uma referência ao alisamento químico permanente, em cabelos crespos ou cacheados, que, muitas vezes, causa queimaduras no cabelo, couro cabeludo, pescoços, costas, rosto, por exemplo. O alisamento de cabelos, principalmente em pessoas negras de cabelos crespos ou cacheados, ainda é recorrente e pode se iniciar ainda na infância, com consentimento (ou coerção) dos pais, familiares ou pessoas desconhecidas, mas também com grande interferência e pressão social e midiática por cabelos lisos.

Entretanto, há também, cada vez mais, crianças negras e pessoas negras se empoderando em um processo de aceitação e autoestima com o cabelo natural crespo ou cacheado. *Power* também faz referência a isso, uma vez que evoca a relação entre o cabelo e o poder, mostrando também mulheres com tranças, como as cantoras Nija, Tierra Whack, Beyoncé e a filha Blu Ivy, e as dançarinas.

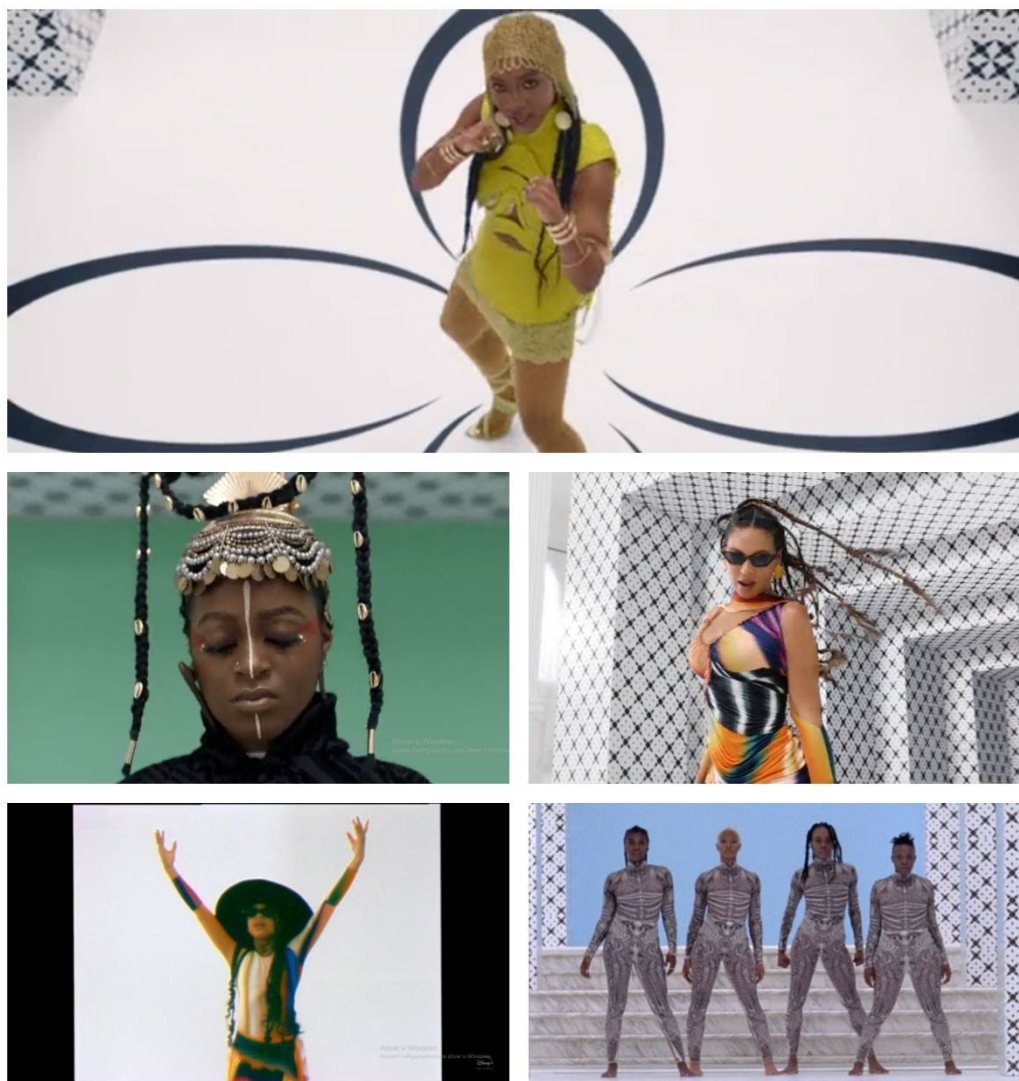


Figura 5 – Sequência de imagens de *Power*. Fonte: autoras por meio da obra *Black Is King* (2020).

Outra referência que “Isto que queima, não é permanente” também faz é aos contextos de opressão, sejam relacionados ao cabelo/estética negra, africana, sejam também aos diferentes problemas atuais advindos dos processos de escravização de pessoas negras. Como analisamos, no tópico anterior, a ideia do nascimento de um salvador é uma simbolização de esperança por dias melhores, uma Terra Prometida, com liberdades (física, mental, espiritual, dos passados coloniais, entre outras). Se hoje, o que causa dor queima, não será para sempre.

Nesse ponto, é válido enfatizar o impacto midiático na saúde mental das pessoas negras. De acordo com bell hooks⁹ (2021, p. 126), uma “das maneiras por meio das quais o

⁹ O nome da autora bell hooks deve ser sempre escrito em letras minúsculas por decisão dela, de destacar o que ela tem a dizer e não o próprio nome.

racismo coloniza a mente e a imaginação de pessoas negras é a vergonha sistemática. O principal veículo para esse sentimento é a grande mídia”. hooks expõe que a grande mídia contribui para a desesperança:

Mais do que em qualquer outro lugar, a grande mídia controlada pelo dominador, com sua constante dominação da representatividade a serviço do *status quo*, nos violenta no lugar onde encontraríamos esperança. Desespero é a maior ameaça. Quando o desespero prevalece, não conseguimos criar comunidades vitais de resistência. (hooks, 2021, p. 38)

O desespero que, cada vez mais, atinge diferentes pessoas, em sua maioria, pelas redes sociais, muitas vezes, apresenta infinitos problemas. E quando “apenas apontamos o problema, quando expressamos nossa queixa sem foco construtivo na resolução, afastamos a esperança” (bell hooks, 2022, p.22). Para nós, a construção de novas narrativas, como as analisadas em *Black is King*, é uma forma de propor também novas soluções e apresentar mais esperança.

Dessa forma, o fato de Beyoncé trazer uma nova narrativa midiática sobre os cabelos crespos é muito importante, uma vez que ainda há muitos discursos discriminatórios e racistas sobre os cabelos crespos, que persistem sociocultural e midiaticamente. Além disso, observamos o quão potente é a cantora construir uma narrativa de empoderamento a respeito do poder das mulheres negras, que está na ancestralidade e na inteligência delas.

Por fim, ressaltamos, ainda, que as imagens que Beyoncé apresenta são majoritariamente de pessoas negras retintas e magras. Um fato que nos leva a refletir sobre uma manutenção de representações de um padrão de corpos negros, o que afeta a representatividade, porém não a anula. Isso ocorre pois a ideia de representatividade pode ser abrangente, diferente e única para cada pessoa. Por exemplo, alguém pode se identificar com uma pessoa apenas pela cor da pele, cabelo, ideais, entre outras características, não precisando, necessariamente, se identificar 100% com aquela imagem ou aquele discurso, o que evidencia o poder da recepção, sua decodificação e ressignificação. Entretanto, destacamos a importância da despadronização de corpos negros na mídia, em prol de mais diversidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a diáspora africana ainda é um desafio para o Campo da Comunicação, principalmente pelos inúmeros significados e embates teóricos e políticos que o tema gera.

Porém, é preciso que cada vez mais o assunto ganhe espaços nas pesquisas na área, trazendo toda a diversidade e pluralidade de conhecimentos e entendimentos.

Para nós, movimentar a diáspora africana, por meio da análise de *Black is King*, foi essencial para se pensar as representações e construções de narrativas midiáticas realizadas por uma cantora negra, Beyoncé. Foi uma forma também de apresentar o território de afetos que a cultura desenvolve, que nos afeta e nos potencializa enquanto pesquisadoras.

Nesse território, trouxemos também nossas vivências e experiências para contextualizar, compreender e analisar o filme. Tendo a responsabilidade de realizar um estudo que fosse além de críticas sócio-midiáticas sobre a verossimilhança das realidades africanas apresentadas pela cantora, mas que também explicitasse os códigos com que Beyoncé trabalha em seus trabalhos.

Em meio a códigos explícitos e implícitos, conseguimos perceber como a artista desenvolve uma pesquisa sobre a diáspora africana e codifica muitos assuntos relevantes nos vídeos, por exemplo, a praia como um lugar de partida de chegada para as pessoas escravizadas, a importância de conhecer mais sobre as diferentes histórias africanas, a criação de novas realidades e esperança, entre outros. Ao mesmo tempo, ela apresenta novas narrativas de empoderamento para pessoas negras, produzidas e protagonizadas por uma mulher negra.

Por fim, enquanto pesquisadoras profissionais de comunicação, avaliamos que *Black is King* é como um processo de desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica. Há os processos de escolha do tema, delimitação da abordagem, levantamento bibliográfico, pesquisa, metodologia, análises, resultados e divulgação dos resultados por meio da criação de diferentes narrativas; e após ela, a ressignificação deles por diferentes pessoas pelo mundo. O movimento é poderoso e relevante por descortinar histórias ainda invisibilizadas sobre a diáspora africana.

REFERÊNCIAS

BUENO, W. C. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. Porto Alegre, 2019. 167 f. Dissertação (Mestrado em Direito) Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2019. Disponível em: http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno_.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 8 abr.2026

CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. In: **E-Compós**. 2021. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/ecompos/article/view/2198/2025>. Acesso em: 28 abr. 2025

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2026

FRAZÃO, D. **Moisés**. In: **EBiografia**. [S.l.], 17 de abril de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/35zyhSy>. Acesso em: 05 abr. 2026

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et all. Belo Horizonte: UFMG, 2003. 434 p. Cap. 4. Livro eletrônico. Disponível em: http://www.grupodec.net.br/wp-content/uploads/2015/10/Da_Diaspora_-_Stuart_Hall-book.pdf. Acesso em: 8 abr. 2026.

hooks, b. **Ensinando Comunidade**: Uma Pedagogia da Esperança. Tradução de Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.

JAGUN, M. **Orí**: a cabeça como divindade. Rio de Janeiro: Litteris, 2015. Disponível em: https://www.dirzon.com/file/telegram/ebook_afro/ori.pdf. Acesso em: 10 abr. 2026

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Lumina**, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21098/11467>. Acesso em: 8 abr. 2026

PEFFER, J. **The diaspora as object**. Laurie Ann Farrell. Looking Both Ways: Art of the Contemporary African Diaspora. New York: Museum for African Art, 2003. Disponível em: <http://artafrica.letras.ulisboa.pt/uploads/docs/2016/04/18/5714e87070f5e.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2026

ROZA, S. R. C. **Beyoncé sob uma lente interseccional**: uma análise das representações de mulheres negras em *Lemonade*, *Homecoming* e *Black is King*. 2022. 288 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/15165>. Acesso em: 4 abr. 2026

SERPA, V. **Mulheres negras são quase 70% no serviço doméstico ou de cuidados no Brasil**. Alma Preta Jornalismo. 20 mar. 2025. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/mulheres-negras-sao-quase-70-no-servico-domestico-ou-de-cuidados-no-brasil/>. Acesso em: 8 abr. 2026

VIANA, P. M. F.; BELMIRO, D. M. M. Lugares de fala e interseccionalidade: a circulação midiática de “Black is king” na imprensa. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 45-57, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/174690>. Acesso em: 5 abr. 2026

Sandra Rita de Cássia Roza

Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Jornalista (UFOP), Especialista em Comunicação e Sociedade 5.0 (HSM University), formada em: Stakeholders e ESG (FIA Business School), em Liderança em Universidades da Ivy League (Cornell University e Dartmouth College); e em Equidade de Gênero: Diversidade, Equidade e Inclusão (Università degli Studi di Padova) e Marketing Social (Griffith University), Avaliação do Ciclo de Vida e Economia Circular (Fundação Getulio Vargas - FGV). É Liderança Global em Sustentabilidade (*United People Global* - UPG, Class 2025), Liderança Global de ESG e Mudanças Climáticas pela Climatebase 2024, Liderança Global pela *Clinton Global Initiative University* (CGI U 2023, Clinton Foundation, sendo uma das 6 brasileiras selecionadas para a edição) e Liderança Nacional (ID_BR - Instituto Identidades do Brasil, 2021). Pesquisa há mais de 10 anos interseccionalidade, gênero, raça, infância e feminismo negro em representações midiáticas voltadas para o público infantil e adulto, como filmes, desenhos animados, livros, telenovela, videocliques, entre outros. É também pesquisadora associada do Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Email: sandraroza72@gmail.com.

Karina Gomes Barbosa

Professora associada do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFOP). Professora associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT-C) do CNPq. Doutora (2014) e mestra (2009) em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB) na linha Imagem e Som. Graduou-se em Comunicação Social (2006) e em Relações Internacionais (2002), ambas pela UnB. Pesquisadora feminista, seus temas de interesse giram em torno de violências de gênero; gênero, infância e mídia; testemunho, violência e arquivos; direitos humanos; crítica e educação midiática; metodologias feministas na Comunicação. Diretora administrativa da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) no biênio 2026-2028. Foi diretora científica da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej) (2024-2026). Editora da Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, Rebej (2024-2026). Líder do grupo de Pesquisa Ponto e do projeto de incentivo à diversidade e de extensão Ariadnes (www.ariadnes.org). Integra a Rede de Pesquisa em Comunicação, Infâncias e Adolescências (Recria) e a Rede Antonietas, de Jornalismo, Gêneros e Interseccionalidades (SBPJor). Email: karina.barbosa@gmail.com



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional